

PANTEÃO NACIONAL

Mediante um decreto promulgado em 27 de Março de 1874 pelo Presidente Antonio Guzmán Blanco, a Igreja da “Santísima Trinidad de Caracas” foi transformada em Panteão Nacional, tendo em vista conservar os restos mortais dos “Próceres de la Independencia” e de ilustres personalidades.

A Igreja havia sido construída por Juan Domingo del Sacramento Infante em meados do século XVIII, mas foi quase totalmente destruída pelo terramoto de 1812. A sua reconstrução foi lenta e ainda não estava terminada quando foi declarada a sua conversão em Panteão Nacional.

A conversão em Panteão Nacional foi motivada pelos seus antecedentes históricos: em 1842, os restos mortais do Libertador Simón Bolívar haviam sido depositados temporariamente naquela igreja. Ali foram igualmente sepultados, em 1851, os restos mortais do Marquês del Toro e mais tarde os de José Gregorio Monagas, Andrés Ibarra e Ezequiel Zamora.

No interior do Panteão, em ambos os lados da entrada principal, encontra-se o sarcófago e o monumento do Libertador Simón Bolívar, e nichos com as estátuas de Francisco de Miranda e Antonio José de Sucre.

Entre outros nichos, dispostos ao longo das paredes longitudinais, há monumentos dedicados à Primera República, a José Gregorio Monagas, à Federação, a Andrés Bello, a José Antonio Páez, à Declaração da República da Venezuela, a Rafael Urdaneta e a José María Vargas.

Por baixo do pavimento, nas 2 naves laterais, estão colocados os restos dos próceres e homens ilustres da Venezuela, assinalados com lápides.

Em 1963, o governo de Rómulo Betancourt ditou uma nova regulamentação pela que se estabelecia que o Panteão deveria ser aberto ao público todos os dias do ano.

Actualmente, os tipos de sepultura e os procedimentos administrativos estão a cargo do Ministério da Administração Interna venezuelano.

Em 1980 foram iniciados os trabalhos urbanísticos de remodelação das áreas envolventes do Panteão, seguindo o projecto do arquitecto Tomás Sanabria.